

No abrir das cortinas comemorações, tempo presente e educação¹

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade

Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O trabalho que se segue destina-se a discutir temas como os usos das memórias para a História e as vontades de comemorar percebidas nos festejos de uma instituição de ensino, católica, na cidade de Florianópolis entre os anos 1988 e 1998. O artigo busca entender, através de fontes escritas, especialmente crônicas, reportagens de jornais e colunas sociais, as formas de fazer comemorações e os usos das memórias para os atos aqui analisados.

Palavras-chave memória, comemorações, tempo presente.

Abstract

This paper is intended to discuss issues such as the uses of memories for history and wishes to celebrate in the festivities of perceived an educational institution, a Catholic, in the city of Florianópolis between 1988 and 1998. Seeks to understand, through written, especially chronic, articles from newspapers and gossip columns, ways to make celebrations and the uses of memories for acts sources analyzed here.

Keyword memory, celebrations, present time.

¹ O trabalho que se segue conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Este trabalho aborda as comemorações centenárias produzidas durante dez anos pelo Colégio Coração de Jesus, instituição de ensino privado e católico da cidade de Florianópolis entre os anos de 1988 e 1998. A proposta é entender a preparação e montagem de festas e momentos comemorativos, suas estratégias e táticas, ou mais, os usos de comemorações para uma instituição de ensino. Entendendo as comemorações como a montagem de um espetáculo é possível pensar que as mesmas foram estrategicamente preparadas e taticamente vivenciadas.² Tais festejos foram produzidos, narrados, espetacularizados.

As comemorações referentes ao centenário desta escola foram minuciosamente preparadas e experimentadas por algumas camadas da população da cidade, atores como jornalistas, ex-alunos e ex-alunas, políticos e comerciantes, deixando entrever o trânsito que tal instituição construiu com a cidade, bem como os laços identitários e afetivos que promoveu entre a população local e a escola.

É, pois, de suma importância perceber a emergência dos estudos que envolvem os debates sobre comemorações para a História do Tempo Presente. Considerando esta corrente como uma História de retornos – do fato, do político, do testemunho – há de se considerar o seu recorte temporal situado no pós-guerra, entendendo-se a especificidade do nosso tempo. Este tempo com vontades e obsessões de memória e de história, e mesmo um tempo que apresenta necessidades de buscar ou forjar identidades, de dar sentido, de ter o controle, de unificar, de promover identificações. François Hartog em seu texto intitulado Regimes de Historicidade discute o *presentismo*, e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como da necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações:

Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o “patrimônio”, atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido ou inquieta com o que fora “esquecido” (especialmente a memória da II Guerra Mundial).³

2 Entende-se os termos estratégias e táticas a partir dos estudos de Michel de Certeau. Para o autor a estratégia é, pois, a ação calculada, que busca o homogêneo, planejando ações calculadamente. Os esquemas predeterminados e planejados, como as festas do Colégio Coração de Jesus, são portanto, feitas de modo estratégico. Já as táticas são as formas de vivenciar tais estratégias, ou mesmo de burlar as regras por elas impostas. São as formas de lidar com os esquemas previamente calculados. As maneiras de vivenciar e driblar as ações estratégias. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.

3 HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Time, History and the Writing of History: The Order of Time*. In: *KVHAA Konferenser*. Stockholm 1996. Disponível em: <<http://www.flch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#>>.

O presente que requer memórias, que as busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identificações é o que se está falando ao trabalhar com as comemorações referentes ao centenário do Colégio Coração de Jesus em Florianópolis. Para Stuart Hall as identidades não são naturais, biológicas, mas sim “formadas e transformadas no interior da representação”.⁴ Entende-se, portanto, que as comemorações promovidas pelo Colégio fomentaram um rol de representações, um conjunto de significados em torno de sua história, produzindo sentidos. Essa *comunidade simbólica* é o que possibilita sentimentos de identificações e pertencimento, tais quais os promovidos em torno da instituição aqui analisada.

Partindo-se da noção de que o historiador está sempre em contato com seu tempo, um dos principais postulados da História do Tempo Presente, entende-se a especificidade de lidar com esses novos temas e novos problemas, como bem afirmam Agnès Chauveau e Phillippe Tétart.⁶ Entendendo esta mudança na relação entre o historiador, seu tempo e seus temas, faz-se deste trabalho uma análise ancorada nesta perspectiva historiográfica, afinal, o olhar posto sobre este objeto, o Colégio Coração de Jesus, é, pois, um olhar do presente, aderindo-se a ele os temas, problemas e ausência de um passado percebido em meios às demandas de memória e de história que este presente nos impõe considerando, portanto, que todo passado se faz no presente.

Aqui reside a importância das questões acerca das memórias para a História do Tempo Presente. Para a filósofa argentina Maria Inês Mudrovic,⁷ uma das principais características da História do Presente é o retorno de Clio à Mnemosine, ou o retorno da História à Memória. Os historiadores até então pouco se dedicaram a estes debates, deixando as discussões ao encargo de cientistas sociais, psicólogos, filósofos. Porém, no fim do século XX as questões relativas ao uso da memória voltaram a ser preocupação de historiadores, pois ela passou a ser requisitada pelos meios sociais. Pierre Nora⁸ é um dos historiadores que entre as décadas de 1970 e 1980 debruçou-se acerca dos estudos sobre as memórias. Fixando o termo *lugares de memória*, seus estudos foram bastante movimentados/mobilizados pela onda

4 HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 6. ed. . Rio de Janeiro: DP&A, 1992, p. 48.

5 *Idem*, p. 49.

6 CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Phillippe (orgs). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

7 MUDROVIC, Maria Inês. “Por que Clio retornou a mnemosine?”. In: AZEVEDO, Cecília *et al.* (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

8 NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.

nacionalista vivenciada na França nos fins do século XX e seu intuito era, portanto, deixar bastante definidos os lugares da história e das memórias.

Estudar as formas como as memórias são requisitadas na contemporaneidade, produzindo sentidos, reelaborando identidades e promovendo encontros é bastante importante para entendermos a emergência da História do Tempo Presente para o campo historiográfico. O retorno da história às memórias nos traz novas possibilidades de abordagens das questões postas no século XX, especialmente no que tange às comemorações. Em todo mundo viu-se o acontecimento de eventos comemorativos; na França, o bicentenário da Revolução Francesa em 1989, no Brasil, as comemorações referentes à instauração da República, e nos níveis locais encontram-se, igualmente exemplos de comemorações e nesse contexto, analisa-se o centenário do Colégio Coração de Jesus. Todos esses eventos nos mostram, além de vontades de comemorar, vontades de memória. A proliferação das memórias está posta na sociedade contemporânea, haja vista que ela é requisitada tanto pelos meios intelectuais como pela sociedade civil, e cabe ao historiador lidar com estas questões sensíveis, violando as memórias para gestar a história.⁹

As comemorações, em Florianópolis, referentes aos noventa e cem anos do Colégio Coração de Jesus são, portanto, questões possíveis para análise a partir da ótica da História do Tempo Presente. Por serem comemorações e colocarem os olhares do presente no passado, usando-o, selecionando-o, percebe-se que o passado esteve imerso nesses festejos, sendo trazido ao presente a serviço das comemorações.

Deve-se salientar então o aspecto católico das comemorações em torno dessa escola confessional. O catolicismo tem como principais datas algumas importantes comemorações, como Natal e Páscoa. Comemorar estas datas é, para a religião católica, uma de suas principais atividades. Nosso calendário é marcado pelas celebrações do catolicismo, e assim pode-se pensar que os usos destas comemorações servem também para reafirmar os valores cristãos perante a sociedade civil. É possível entender, portanto, que estas comemorações católicas fazem parte de um *ethos* católico, entendendo-se tal termo a partir dos estudos do antropólogo Clifford Geertz, que afirma que *ethos* seriam os “aspectos morais de uma dada cultura, os elementos valorativos”.¹⁰ Ainda de acordo com Geertz:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se

9 ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de Teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007.

10 GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 2008, p. 92.

emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida.¹¹

O uso dos atos e datas comemorativas parece ter sido bastante semelhante por parte do Colégio Coração de Jesus, pois as comemorações tiveram também centralidade nas atividades em torno dos aniversários da escola. Nessas festividades a liturgia católica apresentou-se como uma das principais práticas. Nos casos aqui estudados as celebrações católicas – como missas e procissões – e os valores católicos – como o amor a Deus, as palavras da Bíblia e o ensino religioso – são pontos enfatizados nas narrativas produzidas no seio desses acontecimentos. Mais ainda, os valores católicos parecem ser exaltados evidenciando que o maior elo entre instituição e tradição se dá pelo catolicismo arraigado naquele meio escolar que abrigava filhas das chamadas elites¹² locais. Entende-se por elite o que Flávio Heinz considera como “dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados”,¹³ e assim, percebendo que o acesso a este meio escolar privado estava bastante restrito às filhas destes dirigentes locais, fazendo parte portanto, das chamadas elites. Para Maria Teresa Santos Cunha, em seu estudo acerca dos jornais infantis produzidos pelas alunas do Colégio Coração de Jesus entre as décadas de 1940 e 1950, a partir das fontes guardadas pode-se problematizar a tarefa do historiador perante o trabalho com as elites, a fim de compreender a construção de seu universo:

A tarefa do historiador, aqui, consiste em problematizar estas fontes por meio de um ato significativo de interpretação, “o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente” para descobrir outros mundos possíveis e dele extrair um universo mental e material das elites.¹⁴

11 *Idem*, p. 67.

12 A noção de *elite* que caracteriza o Colégio, *locus* dessa produção, ainda que imprecisa e empregada em um sentido amplo e descritivo, é entendida aqui na perspectiva trabalhada por Heinz (*Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7) como a que faz referência “a categorias ou grupos que parecem ocupar o topo de estruturas de autoridade ou de distribuição de recursos (...) os chamados dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados”, citado por CUNHA, M. T. S. “Mensagem de sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (1946-1952)”. In: MORGA, A. E. (org.). *História, cidade e sociabilidade*. Itajaí: Editora Casa Aberta, 2011, pp. 235-272 (grifo nosso).

13 HEINZ. *Op. cit.*

14 CUNHA, Maria Teresa Santos. Mensagem de Sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952). In: MORGA, Antônio Emilio. (org) *História, cidade e sociabilidade*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011, p. 39.

O Colégio Coração de Jesus iniciou suas atividades em 1898 com a vinda das Irmãs da Congregação da Divina Providência para o estado de Santa Catarina. Esta congregação iniciou suas atividades, em meados do século XIX, atendendo às demandas de uma época, com vistas às obras de caridade e às benfeitorias, com o intuito de “ajudar e atender aos pobres e aos marginalizados na Alemanha”.¹⁵ Inicialmente com poucas alunas, a escola abriu as portas para o ensino confessional e privado na cidade. Em fins do século XIX e início do século XX na capital do Estado, com um novo sistema de governo, novos serviços para as elites locais eram requisitados. A educação foi um desses serviços que auxiliaram na modernização do estado, e o Colégio Coração de Jesus inicia suas atividades neste tom. Nos anos iniciais abrigou as filhas de uma nova elite local, composta de funcionários públicos e políticos, por exemplo, como nos demonstra o estudo de Maria Teresa Santos Cunha e Elisabeth Juchem Machado Leal:

Os registros de matrícula mais recuados encontrados na Secretaria do Colégio datam de 1912 e constam do “Livro de matrícula do Curso Complementar”. 33 alunas estavam matriculadas nesse curso. Eram as seguintes as profissões ou cargos dos pais: negociante (11); estancieiro/fazendeiro (4); desembargador (4); empregado público (3); funcionário público estadual (2); comerciante (2); engenheiro (2); diretor da Empresa de Terras e Colonização (1); Diretor da Estrada de Ferro (1); ferreiro (1); colchoeiro (1) e padeiro (1).¹⁶

Esta nova elite local, que vivia o sonho de uma república,¹⁷ tinha garantidos os estudos para suas filhas e seus filhos, pois o Colégio teve seu correspondente para a educação dos varões das famílias *tradicionais* do Estado: o Colégio Catarinense, também em caráter confessional e privado, pertencendo à ordem Jesuíta. Para Norberto Dallabrida a instalação destas escolas confessionais está bastante relacionada à “perda da condição de religião oficial e da supressão do ensino religioso nas escolas públicas”, e por esta perda de público a “Igreja Católica passou a reinventar sua ação pastoral, procurando disseminar a ortodoxia romana”.¹⁸

15 BIANCHEZZI, Clarice. “Novos rumos dentro da Igreja: a comunidade de religiosas Fraternidade Esperança”. In: SOUZA, Rogério Luiz de & OTTO, Clárcia (orgs.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.

16 CUNHA, Maria Teresa Santos & LEAL, Elisabeth Juchem Machado. *A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino*. Relatório de pesquisa. UFSC, 1991.

17 CHEREM, Rosângela Miranda. “Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina”. In: BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

18 DALLABRIDA, Norberto. *Fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

Para entender as razões de se comemorar aniversários por parte da instituição uma variada gama de fontes foi reunida. Dentre elas, crônicas, colunas sociais, jornais de circulação interna, livro, agendas escolares e anais do I Congresso de Educação promovido pela escola, em 1998. Nesses escritos é possível perceber de que forma os festejos foram ensaiados, produzidos e exibidos. É possível perceber os usos da memória e da História, as maneiras de forjar identificações geracionais e de classe, de definir o lugar no espaço,¹⁹ ou seja, as fontes aqui estudadas deixam entrever os recursos estratégicos do Colégio frente às comemorações.

Entende-se, portanto, que esta negociação entre passado e presente é uma das principais formas de comemorar. Esta negociação se dá através de narrativas, que vão trazer à tona o passado, seja pelas recordações ou pela escrita da história, para dar sentido ao presente comemorado:

Trata-se, também, da recuperação²⁰ das memórias culturais, da construção de identidades perdidas ou imaginadas, da narração de visões e leituras do passado. O presente, ameaçado pelo desgaste da aceleração converte-se, enquanto transcorre, em matéria da memória.²¹

Desta forma é possível pensar na construção narrativa em torno de memórias promovidas pelo colégio em duas festas pensadas e organizadas pela equipe diretiva do Colégio e que envolvem o ano comemorativo de 1998: o Dia do Ex-Aluno e a Divina Festa do Divino. Ambas as festas tiveram como palco o perímetro central da cidade e tomaram as ruas de maneiras distintas. O aniversário da escola ganha as ruas, levando a comemoração ao ápice de sua exposição. Mostrar-se ao público das mais diversas formas e mostrar-se como instituição digna de homenagens foi a forma encontrada pela escola para promover-se em seu centenário.

Comemorar cem anos carrega certas marcas. Segundo Beatriz Sarlo “os números redondos tem uma força de gravidade que exercem um poder de atração”.²² Estar em funcionamento, e demonstrando – pelo menos para o público que vê nas ruas ou nos jornais – vitalidade depois de tantos anos, ganhando títulos²³ de destaque pelos serviços prestados até

19 DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.

20 O termo recuperação utilizado pela autora deve ser lido com devidas restrições pois acredita-se não ser possível uma recuperação do passado ou das memórias culturais. Entende-se que neste tempo presente existe uma preocupação na busca de elementos do passado, mas sua recuperação total é questionável.

21 SARLO, Beatriz. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005, p. 96.

22 *Idem*, p. 22.

23 Neste ano o Colégio Coração de Jesus recebeu algumas homenagens significativas: da Assembléia Legislativa de Santa Catarina e da CDL, por exemplo. Além disso, sua diretora, Ir. Norma Feuser, recebeu neste ano

então. Mais do que o destaque na educação do Estado, o centenário trouxe para o colégio um tom a mais na tão anunciada tradição em educar catarinenses.

Os acontecimentos são particularmente importantes para uma história do presente. Para P. Nora, o fenômeno dos acontecimentos impera neste tempo presente, pois as mídias possibilitaram sua existência, e, “para que haja acontecimento é preciso que ele seja conhecido”.²⁴ Ainda deve-se salientar que é o acontecimento, ou a sua produção pelos meios midiáticos, que torna a História do Tempo Presente possível. O século XX viveu a era das mídias, construindo e desconstruindo fatos nas páginas dos jornais.

Os documentos aqui analisados são produtos deste tempo das mídias: páginas de jornal que contam e constroem acontecimentos: seu lugar é “nas rubricas do jornal”.²⁵ Logo, entende-se que os jornais aqui analisados vão auxiliar na compreensão das representações do fato.

As duas festas documentadas são analisadas a partir de três etapas perceptíveis nos escritos. A primeira etapa consiste no investimento escrito, nas páginas de jornal (seja na forma de crônicas, publicidades e notas em colunas sociais) para que a festa seja entendida, após sua realização, como acontecimento. Dessa forma, investiu-se na divulgação das mesmas na mídia impressa, fazendo-as presentes nas páginas de jornal dos dias que antecedem o evento.

O segundo momento é bastante parecido com a primeira etapa. São analisadas também as escritas que potencializam o evento, nos dias em que ocorrem, dando visibilidade ao mesmo. Assim, as colunas sociais são escritas bastante significativas para este tipo de percepção, pois nota-se aí o investimento em divulgar o evento, bem como de perenizar aquilo na forma de acontecimento. Assim sendo, esta etapa é uma mediação entre o primeiro e o segundo momento.

Já uma terceira etapa diz respeito às narrativas que contam o acontecimento ocorrido. Entendendo que o mesmo só existe ao ser conhecido, o jornal *Palavra do Coração* – periódico de circulação interna - traz não só um apanhado das rubricas de jornal sobre as festas como a versão oficial da escola para as mesmas. Ao enviar este exemplar – até então distribuído apenas na comunidade escolar – para a Biblioteca Pública, a instituição pereniza sua versão e investe, mais uma vez, na construção das festas como acontecimentos marcantes no cotidiano da cidade. Assim, as comemorações aqui analisadas serão vistas por três óticas: a

título de cidadã honorária da cidade de Florianópolis na Câmara de Vereadores e figurava ainda nos nomes do Conselho Estadual de Educação.

24 NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976, p. 181.

25 *Ibidem*, p. 184.

que antecede a festa e seus investimentos para que aquele evento seja relevante para a comunidade; a que acontece durante a festa, que mescla o investimento e perenização do evento na forma escrita; a que sucede a festa e narra o ocorrido de forma a divulgá-lo como acontecimento.

Nesse tom, muitos são os autores que se debruçaram aos estudos acerca dos acontecimentos. O já citado Pierre Nora entende que os mesmos são próprios deste tempo presente, tendo em vista o *boom* midiático que vivemos. Pelas várias formas de propagandear e narrar os eventos é que o acontecimento é possível: “os *media* transformam em atos aquilo que não teria sido senão palavra no ar, dão ao discurso, à declaração, à conferência da imprensa a solene eficácia do gesto irreversível”.²⁶ As festas aqui estudadas são analisadas pela ótica da narração de acontecimentos que fizeram das ruas do centro de Florianópolis o palco das comemorações.

Neste sentido, as festas promovidas durante o ano de 1998 procuraram ocupar as ruas do centro da cidade, fazendo do entorno do Colégio um palco a céu aberto para suas encenações. Naquelas ruas, o Colégio veste seus melhores figurinos de tradição e idoneidade, expondo seus predicados e promovendo a instituição privada.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma conhecida festa popular que acontece por todo o país. Em Santa Catarina os meses de maio e junho são repletos de atos religiosos ligados às chamadas “festas do divino”. Na Capital, além das festas nos bairros como Ribeirão da Ilha, Campeche, Santo Antônio de Lisboa há uma festa no centro da cidade e que ocorre na Praça Getúlio Vargas, situada ao lado do Colégio Coração de Jesus. A festa é organizada na forma de quermesse, com barraquinhas de brincadeiras e comidas. Há música, dança, encenações folclóricas e, claro, uma rígida liturgia católica a ser seguida. Usualmente a Irmandade do Divino Espírito Santo (IDES)²⁷ convida algum casal conhecido nos meios sociais da cidade para promover a festa. Em 1998, como o Colégio estava em ano de festa, foi chamado para ser o festeiro da Divina Festa e usou deste espaço para promover seu centenário.

A Festa do Divino é um local bastante propício para se promoverem os valores que o Colégio imaginava carregar consigo. As barraquinhas de comidas são as consideradas *típicas*

26 NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 182.

27 A Irmandade, fundada no século XVIII, hoje se caracteriza como uma Organização Não Governamental de caráter assistencial cujo foco é atender crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social. As informações foram retiradas do site da instituição: <<http://divinafesta.com/index.php/irmandade-do-divino-espírito-santo>>. Acessado em: 01 de ago. de 2012.

ou *locais*. O Restaurante do Arantes,²⁸ A Casa das Tortas,²⁹ o Kibe do Amin,³⁰ o Cachorro-Quente do Emaús,³¹ dão o tom de pertencimento, de trânsito nos meios sociais. O perímetro central de Florianópolis, notadamente o que está compreendido na triangulação Av. Beira-Mar – Av. Mauro Ramos – Rua Felipe Schmidt, e que se sente afetado pelo centenário do Colégio, cria também laços de pertencimento com essas comidas *locais*. Entender estes signos alimentícios é também uma forma de identificação social, de pertencimento, e, em dias de festa, de distinção.

As apresentações folclóricas trazem o elo com a cultura popular da cidade. Com apresentações de *pau de fita* e *boi-de-mamão*³² o Colégio forjou este elo com a cidade, com as identificações em torno da cidade. Promover apresentações relativas à cultura popular local procura demonstrar que o Colégio esteve imerso neste mundo popular da cidade, ou seja, que ele faz parte de Florianópolis.

Promover a Festa do Divino no ano em que comemorou seu centenário possibilitou ao Colégio uma exposição exacerbada pelas ruas do centro da cidade. Notadamente este caminho trilhado no espaço público foi o mote das festas no ano de 1998. O Dia do ex-aluno, nome da festa dos cem anos, ocorrida na data de aniversário da escola, dia 26 de junho, contou com uma extensa programação que envolveu atividades durante todo o dia, desde as 6h da manhã, até seu encerramento à noite. Entre as ações programadas, um desfile das turmas que passaram pela escola nos seus cem anos, organizadas com faixas, balões e camisetas, parou ruas da cidade, como os arredores da Praça XV de Novembro e da Praça Getúlio Vargas.

O dia do ex-aluno traz o passado vivo, os atores da história do Colégio para o centro da festa, fazendo das ruas o palco da comemoração. Este reencontro promove recordações e emoções, deixando transbordar elos afetivos de tempos de escola e de juventude. Para promover esta festa o Colégio fez divulgação através de *folder*, contendo a programação do dia. Além disso, montou postos de venda de camisetas do centenário. Nesta festa, as ex-alunas puderam voltar às dependências da instituição, com suas antigas colegas de turma. Para isso, o Colégio remontou algumas salas de aulas, com carteiras, quadros-negros, uniformes e

28 O Restaurante do Arantes localiza-se na praia do Pântano do Sul e em seu cardápio são encontradas variados pratos de frutos do mar. O restaurante é bastante conhecido do roteiro turístico gastronômico da ilha e sua presença na Festa do Divino.

29 A Casa das Tortas é uma conhecida confeitaria encontrada nas proximidades da Praça Getúlio Vargas e bastante frequentada pelo público alvo da festa organizada pelo Colégio.

30 A barraca de Kibe do político Esperidião Amin é bastante conhecida não só na Festa do Divino como em outras tantas festas no estilo quermesse que ocorrem pelo Estado de Santa Catarina. Por sua descendência árabe, Amin faz pratos típicos como Esfihas e Kibes.

31 O Emaús é um grupo jovem promovido pela Igreja Católica e anualmente organiza a barraca do cachorro-quente da Festa do Divino Espírito Santo.

32 O pau de fita e o boi de mamão são danças/encenações folclóricas.

materiais escolares de tempos passados. Todo este aparato museal é bastante eficaz para sensibilizar as atrizes das festas em meios às comemorações.

Comemorar através dos elos afetivos parece ser a principal estratégia organizada pelo Colégio em seu centenário. Vale ressaltar que a superexposição ocasionada pelas festas no espaço público gera publicidade positiva para a escola e, isto, no momento em que a cidade de Florianópolis passava por um considerável crescimento urbano, com novas e diferenciadas ofertas de ensino em diferentes bairros, era bastante relevante em termos de gestão empresarial.

Comemorar aniversários é também não cair no esquecimento, criando assim um *lugar de memória*, como abordados por Pierre Nora, que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações (...)”.³³ É lembrar, não deixando esquecido o que passou, preocupação bastante percebida neste tempo presente, que por sentir o tempo cada vez mais acelerado, vive o medo do esquecimento e da atrofia da memória e, por isso, tanto guarda e registra. De acordo com Beatriz Sarlo:

O novo milênio começa nesta contradição entre um tempo acelerado, que impede o transcorrer do presente, e uma memória que procura tornar sólido esse presente fulminante que desaparece decorando-se a si próprio.³⁴

Esta preocupação com o registro e com o guardar é bastante significativa em meio às comemorações centenárias do Colégio Coração de Jesus. Os documentos utilizados para a escrita deste artigo são de variados suportes, tendo em vista uma dificuldade pontual em relação ao contato com as fontes. Em 2007 o Colégio Coração de Jesus foi vendido para Rede Bom Jesus de ensino. Seus arquivos podem ser visitados, porém, o acesso é bastante dificultoso, pois é necessária a supervisão de funcionários da escola que, por todas as outras atividades que desempenham, não possuem tempo disponível para o acompanhamento de pesquisas no acervo. Além disso, a instituição tem dificuldades em liberar a digitalização dos documentos, e toda a consulta deve apenas ser anotada. Entretanto, em duas breves idas ao acervo do Colégio, foi possível perceber a imensa vontade de guardar. São duas salas recheadas de documentos, guardados em caixas-arquivo, organizados e datados. Documentos de mais de um século de atividades escolares. Mas o ano de 1998 parece ter sido mesmo a menina dos olhos do Colégio. Um rol de cartas, depoimentos, homenagens, organização de assessoria de

33 NORA, Pierre. *Op. cit.*, p. 13.

34 SARLO, Beatriz. *Op. cit.*, p. 96.

imprensa entre tantos outros papéis foi minuciosamente selecionado e guardado pela instituição em três grandes fichários intitulados “MEMÓRIA – CCJ – 1998”.

Além do aparato documental, em outro espaço o Colégio deixou objetos materiais, antes parte do museu do Colégio, inaugurado em 1988 em meio às comemorações dos noventa anos da instituição. Os objetos escolares, como quadros de formatura, carteiras, mesas, globos, fazem parte da cultura material escolar e foram também alvo da salvaguarda da instituição.

Guardar foi, portanto, preocupação constante da instituição. Mas houve também a preocupação de enviar materiais para outras instituições de salvaguarda de documentos. Ao pesquisar os jornais locais na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em busca do Informe Especial divulgado em 1988 no Jornal *O Estado*, fui apresentada a uma pasta referente a materiais relativos ao Colégio Coração de Jesus. Esta pasta está nos fichários de metal do terceiro andar da biblioteca pública e, com a ajuda da funcionária, pude encontrar coisas que não esperava: o Colégio enviou ao acervo alguns exemplares do seu jornal de circulação interna. *Palavra do Coração* é um jornal que começou a ser editado em 1997, um ano antes das festas previstas, já anunciando preocupações de divulgação e registro. Era distribuído para a comunidade escolar – pais, professores e alunos – com periodicidade mensal, a fim de divulgar atividades do cotidiano escolar. São quatro os exemplares enviados pela escola à Biblioteca Pública: um referente à Festa do Divino Espírito Santo, de junho de 1998, outro de fevereiro do mesmo ano que dedica a edição a contar a História dos cem anos do Colégio, uma forma de abrir este ano festivo e os dois últimos, de junho e julho de 1998, referentes ao Congresso de Educação promovido no mesmo ano. Assim, nota-se que o registro destas atividades, em texto e fotos, foi um exercício constante e a preocupação em guardá-los pode ser vista por onde os rastros das comemorações aparecem.

Outro material utilizado foi uma pasta organizada por uma ex-aluna, membro da comissão de divulgação do Dia do Ex-Aluno. Em sua pasta, ficaram guardadas as notas de divulgação em colunas sociais, reportagens de jornal, crônicas, *folder* de divulgação, propagandas e dois exemplares do jornal *Palavra do Coração*, referentes à Festa do Centenário.

Na Biblioteca Pública do Estado, ainda foram pesquisados os jornais *O Estado*, *A Notícia* e *Diário Catarinense*, nos quais foram encontradas notas em colunas sociais, crônicas e reportagens. Os jornais diários foram bastante utilizados para a divulgação das festas e promoção da instituição. Jornalistas lembram com saudosismo e nostalgia tempos passados do Colégio e de Florianópolis. A imprensa local, possivelmente a pedido da organização da festa, parece abraçar o Colégio em seu centenário.

Este aparato documental possibilita perceber como a escola preparou e organizou suas festas, as formas de divulgá-las e contá-las, e a necessidade de registrá-las e guardá-las.

As convocatórias que antecedem o dia da festa do ex-aluno aparecem nas principais colunas sociais, como nas notas assinadas pelos jornalistas Urbano Salles, Raul Sartori, Juliana Wosgraus e Ricardinho Machado. O chamamento para a festa vem no sentido de agregar o maior número de pessoas durante as celebrações, para que o evento possa ser considerado relevante na comunidade na qual se insere. As propagandas da festa, com o cronograma de atividades, preveem a reunião de ex-alunos e ex-alunas de todas as faixas etárias que já tinham passado pelos bancos escolares do Coração de Jesus. Contabilizando, segundo sua própria publicidade à época, mais de cento e oitenta mil alunos e ex-alunos, o Colégio esperava promover “o maior reencontro da cidade”.³⁵

Nota-se a vontade de agregar e reunir pessoas em torno das festividades centenárias que vinham a congregar o Colégio por seu histórico e por sua presença na comunidade. O entendimento e a ideia propagandeada de promover o maior reencontro da cidade demonstra essa vontade de engrandecer o evento, mostrando o resultado esperado pela escola quando da organização de festas. Este dia, de acordo com a programação, foi repleto de atividades, iniciando com uma alvorada festiva na praça situada em frente a escola, com café da manhã oferecido aos participantes no interior da escola. Após isso, esta comunidade escolar sairia em passeata pelas ruas do centro da cidade, em comemoração à escola. Mostrar-se à comunidade local foi, portanto, uma das principais vontades do Colégio. Nas linhas dos jornais ou tomando as ruas, a instituição entendeu que a comunidade à qual pertence deveria ser o alvo de suas demonstrações de afetos e assim foi construindo/forjando estes laços identitários entre escola e coletividade. Aqui fica bastante evidente o papel da ideia de tradição em meio aos festejos. Com o Dia do Ex-aluno a escola publicizou-se, evidenciando a *cidade* abraçando e congando os seus cem anos. O passado ou a (re)construção de um dos passados possíveis por parte do Colégio pode ser um ato entendido como uma vontade de patrimonializar, consagrando posições de destaque a certos objetos, fatos e acontecimentos dessa trajetória da instituição em cem anos. Esse processo que tende a patrimonializar, sacralizando seus objetos, pode ser considerado como um fenômeno do presente e sua obsessão pelo guardar, pelo acumular, ou mais, pelo tudo lembrar. Nas palavras do historiador Francisco Régis Lopes Ramos

O passado, portanto, não é simplesmente aquilo que passou, e sim um saber que se faz nas disputas de posições conflitantes e interessadas em criar certas legitimidades no presente e a partir do presente, compondo seleções que pretendem seduzir o futuro e, como se sabe, a

35 Publicidade do Dia do Ex-Aluno, publicada em jornais locais.

sedução sempre usa artifícios inconfessáveis, insondáveis até mesmo para o próprio sedutor.³⁶

Esta vontade de patrimonializar no presente, usando e construindo passados parece ser uma das principais atividades do Colégio Coração de Jesus em meio aos seus festejos. O remontar de salas de aula de outrora, o desfile de antigos uniformes, bem como a reunião das amizades de infância possibilitaram esta (re)construção de tempos antigos, usando o passado para, como fala Ramos, criar legitimidades no presente.

O Coração de Jesus levou seus ex-alunos para o interior da escola, remontando antigas salas de aula, trazendo uniformes de outras épocas e buscando remontar as diferentes fases e gerações pelas quais o Colégio tinha passado até então. Trouxe este nível afetivo das memórias, o que auxiliou na sensibilização desta comunidade escolar para com o centenário da escola. Essa vai ganhando destaque nas páginas de jornal e propagandeando, além dos eventos relativos ao seu aniversário, suas formas de ensinar e seus projetos futuros. Aparecendo nas mídias e investindo na construção da festa como acontecimento marcante e relevante para a cidade, o CCJ mostrou-se e construiu-se para a cidade de Florianópolis neste Tempo Presente.

Um segundo momento, relativo aos acontecimentos, diz respeito aos escritos produzidos e/ou divulgados durante o dia de festa. As notas em colunas sociais trouxeram ex-alunas de destaque na sociedade florianopolitana e relatos do dia comemorativo, afirmando a lotação dos restaurantes que abrigaram a reunião e o reencontro das turmas. Neste momento, vê-se o investimento em divulgar as proporções e impactos do evento na cidade, a fim de entendê-lo como acontecimento.

Mas o destaque entre os escritos dá-se para a crônica de Paulo da Costa Ramos, veiculada no jornal *O Estado*. O cronista do jornal *O Estado*,³⁷ à época, dedicou-se a escrever uma crônica, veiculada em 26 de junho de 1998, relatando suas experiências com o Colégio, ou melhor, com suas alunas. As vivências em torno das ex-alunas são trazidas à tona para ajudar a narrar uma história a ser contada durante as comemorações do CCJ, e assim as fontes produzidas durante o festejo, tal como a crônica escrita por Paulo da Costa Ramos evidenciam

36 RAMOS, Francisco Régis Lopes. “As utilidades do passado na biografia dos objetos”. In: *Futuro do pretérito: escrita da História e História do Museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p. 76.

37 O jornal *O Estado* é de circulação regional e contou com a coluna de Paulo da Costa Ramos durante boa parte de sua existência, fazendo do cronista um dos carros-chefes da publicação. Assim, a coluna no autor aqui estudado ocupou posição de destaque em suas páginas, no caderno Opinião.

o *know-how*³⁸ da escola em educar as mulheres catarinenses, como é possível perceber no excerto seguinte:

Não há quem não tenha parente próximo ou distante que não tenha passado pelos bancos do “colégio das freiras” – assim como não há quem de lá tenha saído sem uma formação moral sólida e um preparo intelectual suscetível de aparelhar o aluno – no caso a aluna – para a vida aqui fora.³⁹

Em sua narrativa, o cronista demonstra o saber escolar transmitido pela instituição às suas alunas evidenciando a formação moral e o preparo intelectual proporcionado pela educação oferecida na instituição. Dessa forma, a representação que a crônica dá a ler é que as mulheres lá formadas receberam a mais especializada forma de educar, fazendo do CCJ um exemplar educador, a ser congado por seus cem anos em prestação de serviços à comunidade catarinense. Recorrer aos antepassados familiares na escola demonstra uma reafirmação dos valores tradicionais e pode-se pensar que tal reafirmação é necessária num momento em que há “crise dos valores tradicionais, sobretudo à desintegração da família”.⁴⁰ Logo, o texto assegura o lugar da família e da tradição na sociedade, afirmando o papel da instituição escolar nesta história. Essas narrativas demonstram que a opinião pública auxiliou a escola a construir uma imagem de exemplo na educação, atentando sempre suas virtudes, fazendo assim uma representação da instituição, dada a ler em sua crônica. Mais do que uma representação da instituição a crônica aqui estudada possibilita pensar nas representações de juventude e geração, abordadas pelo cronista.

Além da construção dos predicados da escola pelo autor, o texto ainda apresenta uma sucessão de gerações que frequentaram o Colégio:

Falo de cadeira porque minha mãe Gessen foi aluna do Coração de Jesus. Minha mulher, Arlete, embora tenha nascido e vivesse a 600 quilômetros da capital, foi aluna do Coração de Jesus. Minhas duas filhas Daniela e Fernanda estudaram no Coração de Jesus. Minha neta Sofia Ramos da Veiga frequenta há dois anos o Jardim de Infância do Coração de Jesus.⁴¹

38 Entende-se por *know-how* o conhecimento de como executar uma tarefa. A expressão é correspondente ao *savoir-faire* da língua francesa.

39 RAMOS, Paulo da Costa. “100 anos”. In: *O Estado*, caderno opinião, p. 02. 26 de junho de 1998.

40 PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950”. In: SCHMITT, Jean-Claude; LEVI, Giovanni. *História dos jovens: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, v. 2, p. 357.

41 RAMOS, Paulo da Costa. *Op. cit.*

Com esta sucessão de gerações (parte do núcleo familiar do autor) exposta através do texto, é possível pensar em questões sensíveis à História do Tempo Presente e, dessa forma, o exposto nos proporciona pensar a questão da geração. A geração pode ser considerada para além de suas características biológicas, como aborda Jean-François Sirinelli:

Certamente a geração, no sentido “biológico”, é aparentemente um fato natural, mas também um fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer – ou ter pertencido – a uma faixa etária com forte identidade diferencial.⁴²

A perspectiva de Sirinelli é útil para pensarmos na crônica como uma forma de autorrepresentação e autoproclamação e, assim, as gerações pelo autor abordadas vêm neste tom, mais do que uma simples sucessão biológica. Tal questão torna-se bastante interessante se trabalhada na perspectiva da História do Tempo Presente, haja vista que o determinar de geração depende também da fixação de acontecimentos como marcos.

As comemorações do centenário do Colégio Coração de Jesus constituem-se da busca de elementos do passado que possibilitem afirmar – e forjar – as bases sólidas da escola quanto à educação da população catarinense. Por isso os antepassados que lá estudaram são sempre trazidos à tona nas fontes produzidas nesses cem anos, a fim de afirmar o espaço da escola na cidade, na sociedade e o demonstrar da sucessão de gerações ajuda a configurar a tradição, afirmando assim o espaço ocupado pela instituição na sociedade catarinense e, mais notadamente, na sociedade florianopolitana. Comumente pensa-se em gerações a partir de uma simples sucessão biológica, o que nos é demonstrado pelo cronista quando o mesmo aborda suas *gerações* familiares que frequentaram o *colégio das freiras*. Deve-se, pois, adotar a perspectiva de pensar as gerações como móveis, flexíveis, afinal de contas, aspectos culturais auxiliam na definição das mesmas. Ainda de acordo com Jean-François Sirinelli:

Consequentemente, como dificuldade suplementar, a noção de “periodização” remete à de regularidade. Ora, os fatos inauguradores se sucedem de maneira forçosamente irregular e por isso existem gerações curtas e gerações longas. E assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo.⁴³

42 SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 133.

43 *Idem*.

O forjar de unidades, identidades geracionais, como mostra o texto, pode ser pensado a partir da perspectiva de Sirinelli, afinal, essa periodização dá indícios de regularidade. Em momento comemorativo, como o centenário da escola, o que se buscou evidenciar foram justamente as continuidades fixando padrões. Essa tentativa de forjar continuidades contando experiências e vivências em torno da escola auxiliou a mesma no intuito de fixar seu lugar no imaginário da sociedade florianopolitana. Pelas palavras de Paul Ricoeur, é possível compreender estas vontades de forjar unidades e sentir-se pertencer a uma comunidade, pois

Acreditamos na existência de outrem porque agimos com ele e sobre ele e somos afetados por sua ação. É assim que a fenomenologia do mundo social penetra sem dificuldade no regime de viver juntos, no qual os sujeitos ativos e passivos são de imediato membros de uma comunidade ou de uma coletividade.⁴⁴

Este recurso narrativo usado por Paulo da Costa Ramos ativa esta noção de coletividade trabalhada por Ricoeur, afinal, mesmo que o cronista use suas memórias pessoais no texto, estas estão diretamente relacionadas à comunidade a qual pertence. Ainda neste sentido, o autor busca em suas memórias pessoais o recurso para manifestar seus sentimentos pelo Colégio, descrevendo, assim, itinerários percorridos no perímetro central da cidade, tendo como centro destes caminhos o Colégio Coração de Jesus, como nos demonstra o excerto abaixo:

O Colégio Coração de Jesus faz 100 anos hoje. Só posso me regozijar à distância prudente, uma vez que, por motivos óbvios – e muito a contragosto – jamais pude frequentá-lo como aluno. Mas passei sete anos como se fosse seu porteiro não remunerado, assinando religiosamente o ponto ao meio dia e às cinco da tarde, ora na Praça Getúlio Vargas, ora na Praça Pereira Oliveira. Esta posição dependia de várias coisas; do dia da semana, do vento, mas principalmente do itinerário do objeto da vigília. Se a aluna morasse pelos lados da Trompowsky, da Praia de Fora, da Mauro Ramos, sentava-se praça ao pé do monumento ao dr. Bulcão Viana. Se, pelo contrário, se dirigia às imediações da Praça XV, da Tenente Silveira ou do terminal de ônibus da Alfândega, o ponto de emboscada era o monumento a Jerônimo Coelho, ao lado do Teatro Álvaro de Carvalho.⁴⁵

44 RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007, p. 13.

45 RAMOS, Paulo da Costa. “100 anos”. In: *O Estado*, Caderno Opinião, p. 02, 26 de junho de 1998.

Tal descrição dos itinerários que o autor percorria em sua juventude apresenta um forjar de identidade geracional, excluindo outras tantas cidades e vivências possíveis. Suas memórias são descritas como se fossem partilhadas por todos os cidadãos florianopolitanos. Mais ainda, pelo período⁴⁶ descrito pelo autor e pelas ruas e locais citados em sua escrita, pode-se perceber tal partilha geracional unida por valores de classe, notadamente aqui as classes médias⁴⁷ e altas florianopolitanas.

O conceito de juventude é também bastante caro aos estudos históricos e pode ser pensado aqui a partir da análise da crônica. Luisa Passerini aborda duas formações e ideias de juventude: a Itália fascista e os *teenagers* da década de 1950 nos Estados Unidos. Pode-se perceber aqui uma aproximação com os ideais de juventude americanos, tomados os devidos distanciamentos. Para os estudos propostos aqui, considerando-se os recortes geracionais e temporais, é válido pensar acerca das modificações dos conceitos de juventude. Segundo Luisa Passerini, a década de 1960 é a fase final de um conceito de juventude pautado na “ideia de juventude como turbulência e renascimento, germe da nova riqueza para o futuro”.⁴⁸ A juventude aqui representada por Paulo da Costa Ramos encontra-se, pois, num momento de modificação do próprio conceito de juventude. A juventude descrita pelo cronista está vivendo um momento quando o ser jovem entra em questão, afinal, jovens pelo mundo passam a ser problemas sociais e políticos devido às movimentações que ocorrem em todo mundo. Paulo da Costa Ramos, mesmo narrando experiências em torno de um colégio católico, deixa entrever essa identidade geracional, percebida no excerto seguinte: “Exercíamos nossa paquera, pois, sob a proteção da imprensa e das Forças Armadas.”. A partir desse, pode-se inferir que se tratava do período ditatorial vivido pelo país e questionado e criticado pela população jovem.

A juventude que Paulo da Costa Ramos representa em seus escritos é bastante específica. Frequentou e morou em torno do perímetro central da cidade – o que já demonstra um poder aquisitivo mais elevado, pertencendo, assim, às classes médias e altas urbanas – estudou no Colégio Coração de Jesus ou no Colégio Catarinense, como aborda o autor. Tais elementos são capazes de gerar uma identificação etária e de classe nos leitores de sua coluna, afinal, ex-alunos e ex-alunas das instituições citadas, que moraram ou fizeram os

46 Este pode ser percebido através da frase contida na crônica: “exercíamos nossa paquera, pois, sob a proteção da imprensa e das forças armadas.” Entendendo-se assim que os momentos de juventude expostos pelo cronista foram vivenciados em meio à Ditadura Civil-Militar ocorrida no Brasil a partir de 1964.

47 Com o crescente número de escolas particulares na cidade o colégio precisou adequar sua proposta, ficando responsável assim não apenas pelas elites do Estado, mas também pela educação de parte das classes médias, que com a abertura da escola a estas novas possibilidades, puderam estudar no CCJ.

48 PASSERINI. *Op. cit.*, p. 317.

trajetos relatados pelo autor e sociabilizaram entre seus pares no mesmo período possivelmente sentiram-se parte daquilo que estava sendo contado naquelas linhas. Esse autorreconhecimento como classe, como unidade pode ser aproximado aos estudos de Luisa Passerini relativos aos *teenagers* americanos de 1950:

Tratava-se da primeira geração de adolescentes americanos privilegiados, mas sobretudo da primeira geração que apresentava uma coesão acentuada, um auto-reconhecimento enquanto comunidade especial com interesses comuns. A figura do adolescente que de tal modo emergia era associada sobretudo à vida urbana e encontrava seu habitat na *high school* – que parecia transformada num cosmo em si mesmo [...]⁴⁹

A geração de Paulo da Costa Ramos, descrita em seu texto, pode ser delimitada pelo próprio historiador, pois “a geração é também uma reconstrução do historiador que classifica e rotula.”⁵⁰ Assim, entende-se que a geração descrita é uma parcela de jovens da cidade de Florianópolis, que durante as décadas de 1950 e 1960, vivenciou o perímetro urbano central e, por estudarem em escolas correspondentes (em classe social, por exemplo) identificam-se entre si, forjando assim uma identidade geracional biológica, ou mesmo determinada simplesmente pelo lugar.

O que a crônica aqui estudada nos traz é, pois, uma mistura de elementos biográficos que pretendem contar histórias de uma geração, histórias de juventude de uma determinada classe social, com elementos que ajudam a contar institucionalmente a história da escola em prol das comemorações de seu centenário. O autor traz em sua narrativa personagens do seu núcleo familiar, agregando a estes tias, avós e sobrinhas para comporem uma história da tradição em educar, construindo assim uma imagem de si mesmo e da instituição.

No fim do texto o autor ainda evidencia a presença massiva de sua família na instituição:

Eis aí quatro gerações completas convivendo com o mesmo passado, a mesma raiz: todas ex-alunas e aluna do Colégio Coração de Jesus. E esse número se multiplica extraordinariamente se levadas em consideração tias, primas, sobrinhas. Talvez chegue à casa da centena.⁵¹

49 PASSERINI. *Op. cit.*, p. 354.

50 SIRINELLI, Jean-François. *Op. cit.*, p. 133.

51 RAMOS, Paulo da Costa. *Op. cit.*

Em suas linhas, a crônica escrita pelo autor vai delineando o espaço que a escola ocupa na sociedade catarinense e, além disso, auxilia o autor na construção de sua própria história diante de seus leitores, apontando também seu próprio espaço na sociedade. Ter uma família com mãe, tias, primas tendo estudado no CCJ denota – pelos escritos do cronista – prestígio na sociedade que o lê.

As histórias produzidas durante o centenário do Colégio Coração de Jesus nos possibilitam pensar em temáticas bastante relevantes para a História do Tempo Presente. Ora, se esta se preocupa tanto com as discontinuidades, é no forjar das permanências e continuidades – como a narrativa da crônica – que é possível pensar, por exemplo, o partilhar de experiências de juventude por uma mesma geração, principalmente, pensando-se aí num recorte de classe, de lugares na sociedade e de espaços de sociabilidade. A juventude que partilhou as sociabilidades nas saídas da escola, seja pela Rua Trompowsky ou pela Praça XV, pode ser delimitada pensando nela como uma entre tantas outras juventudes – e gerações – experienciadas neste mesmo período na cidade de Florianópolis, entendendo as intenções do autor em tornar as vivências descritas por ele uma unidade da cidade.

Estas vontades de unificar, de perceber a reunião de ex-alunos como ato particular à cidade de Florianópolis e a todos os seus cidadãos aparece também nas narrativas construídas após a festa. O destaque aqui se dá para a publicação *Palavra do Coração*, jornal de circulação interna que se dedicou em um de seus números a produzir a história daquela data festiva e, consequentemente, o acontecimento.

O dia que começou com fogos de artifício e terminou com uma missa, celebrada pelo arcebispo Dom Eusébio Sheid, é narrado no jornal do Colégio não só através da escrita como pelas fotografias que são destaques da publicação. A comemoração das ex-alunas – e sua aparente alegria em estar junto naquele momento – tomam o espaço de *Palavra do Coração* num esforço em demonstrar ali o quão significativo foi o Colégio para a cidade. Este elo entre cidade e colégio parece ser tão importante para a instituição – afinal, é preciso este elo para sustentar a escola num tempo presente que prevê diversas demandas com ofertas mil para a educação – que a frase que finaliza a publicação enfatiza esta relação ao afirmar que “O colégio esteve sempre presente no coração da cidade. É uma escola aberta ao mundo, modelo de disciplina e qualidade”.⁵²

O destaque foi, não só o pertencimento que a escola aparenta ter com a cidade, mas também o acolhimento da instituição por toda a cidade no seu centenário. Esta ideia aparece tanto nas colunas sociais, nas crônicas, como também nos escritos do jornal de circulação interna. Ao propagandear este pertencimento, bem como as ex-alunas em festa, mostra-se o

52 *Palavra do Coração*, edição especial, ago. 1998, n. 6.

suposto impacto que o evento causou na cidade e as emoções que promoveu num dia de recordações provocadas, seja pelo ambiente escolar produzido, seja pelo prédio centenário, ou mesmo pelo encontro com os colegas de juventude.

O *feliz reencontro, o maior da cidade* foi um investimento para que se perenizasse uma imagem da instituição em comunhão com a comunidade da qual entende fazer parte; ativando estes elos afetivos o Colégio promoveu não só sua festa como marco e acontecimento na cidade, como também publicizou suas formas de educar num tempo presente que exigiu mudanças.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de Teoria da História*. Bauru: Edusc, 2007.
- BIANCHEZZI, Clarice. “Novos rumos dentro da Igreja: a comunidade de religiosas Fraternidade Esperança”. In: SOUZA, Rogério Luiz de & OTTO, Clárcia (orgs). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHAUVEAU, Agnès & TÉTART, Phillippe (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
- CHEREM, Rosangela Miranda. “Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina”. In: BRANCHER, Ana & AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs.). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.
- CUNHA, Maria Teresa Santos & LEAL, Elisabeth Juchem Machado. *A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino*. Relatório de pesquisa. UFSC. 1991.
- _____. “Mensageiro de Sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952)”. In: MORGA, Antônio Emilio. (org.) *História, cidade e sociabilidade*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011.

- _____. “Diários Pessoais: Territórios abertos para a História”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. DE LUCA, Tania Regina (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DALLABRIDA, Norberto. *Fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro : LTC, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- HARTOG, François. “Regimes de historicidade: Time, History and the Writing of History: The Order of Time”. In: *KVHAA Konferenser*. Stockholm: 1996. Disponível em: «http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*».
- HEINZ, Flávio Madureira (org.). *Por uma outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MUDROVIC, Maria Inês. “Por que Clio retornou a mnemosine?” In: AZEVEDO, Cecília et al. (orgs.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.
- NORA, Pierre. “Entre memória e História: a problemática dos lugares”. In: *Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- NORA, Pierre. “O retorno do fato”. In: LE GOFF & Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1976.
- PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950”. In: SCHMITT, Jean-Claude; LEVI, Giovanni. *História dos jovens: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. V. 2.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. “As utilidades do passado na biografia dos objetos”. In: *Futuro do Pretérito. Escrita da História e História do Museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito Alencar/ Expressão Gráfica Editora, 2010.
- RAMOS, Paulo da Costa. “100 anos”. In: *O Estado, Caderno Opinião*, p. 02, 26 de junho de 1998
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da UNICAMP 2007.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ANDRADE, Ana Luíza M. S. de (...) USP, Ano V, n. 7, p. 105-128, 2014

_____. *Tempo presente*: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

